



MULHERES QUILOMBOLAS DA MATINHA DOS PRETOS: SABERES MATEMÁTICOS PRESENTES NO PROCESSO DE FABRICAÇÃO DE POLPAS DE FRUTAS

Rebeca de Jesus Pereira¹

GD n.º11 – Filosofia da Educação Matemática

Resumo: Esta pesquisa, em fase inicial, investiga o que se mostra importante a respeito da prática matemática de mulheres da comunidade quilombola da Matinha dos Pretos no processo de compra da matéria prima, produção e venda na fábrica de polpas de frutas. Ancorada nos conceitos da Educação Quilombola (EQ) e da Fenomenologia, o estudo busca compreender como a matemática se manifesta nesse contexto comunitário. A abordagem metodológica qualitativa fenomenológica permite explorar as experiências vividas pelas mulheres, utilizando observação participante, entrevistas semiestruturadas e análise documental. A pesquisa se justifica como um ato de reexistência e valorização epistêmica, visando amplificar os saberes já produzidos pela comunidade, propondo contribuir para a valorização dos saberes matemáticos quilombolas, especialmente em contextos não escolares.

Palavras-chave: Saberes matemáticos. Mulheres quilombolas. Fenomenologia. Educação Quilombola. Comunidade tradicional.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa investiga os saberes matemáticos presentes no processo de fabricação de polpas de frutas, praticados pelas mulheres da comunidade quilombola da Matinha dos Pretos. Ancorada nos conceitos da Educação Quilombola e da Fenomenologia, o estudo busca compreender como a matemática se manifesta nesse contexto comunitário. A abordagem qualitativa e fenomenológica permite explorar as experiências vividas pelas mulheres, visando amplificar os saberes já produzidos pela comunidade e contribuir para a valorização dos saberes matemáticos quilombolas, especialmente em contextos não escolares.

¹Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS); Programa de pós-graduação em ensino de Matemática; rjperira916@gmail.com; orientador(a): Rosemeire de Fatima Batistela.

A comunidade Quilombola Matinha dos Pretos, localizada na zona rural de Feira de Santana - BA, teve suas práticas comuns de vivência em grupo, organização social e atividades econômicas modificadas ao longo dos anos.

Neste cenário é criada a fábrica de polpas de frutas, vinculada a Associação comunitária, local onde será realizada esta pesquisa. O interesse por pesquisar este grupo de mulheres de uma comunidade quilombola está diretamente relacionado à minha trajetória. O interesse por investigar esse grupo de mulheres está diretamente relacionado à minha trajetória. Como mulher quilombola, que ingressou na universidade em 2017 por meio de cotas, nutro o desejo de devolver à minha comunidade uma pesquisa que valorizasse seus saberes. No entanto, na graduação, desenvolvi um trabalho de conclusão de curso relacionado a etnomatemática proposta por D'Ambrosio onde ele define que “há várias maneiras, técnicas, habilidades (ticas) de explicar, de entender, de lidar e de conviver com (matema) distintos contextos naturais e socioeconômicos da realidade (etnos).” (D'Ambrosio, 2005 p. 114), desta forma tem-se por meio da etnomatemática, uma valorização dos múltiplos saberes.

Essa compreensão dialoga diretamente com o pensamento de Nego Bispo e seu “aquilombar”, a noção de que o quilombo é verbo, uma ação contínua de construir modos próprios de existir. A fábrica de polpas, neste sentido, é a materialização dessa comunidade em ato. Por fim, inspirada pelo pensamento heterárquico de Silvia Rivera Cusicanqui (2010), a pesquisa busca capturar a dimensão prática desses conhecimentos, recusando a hierarquização dos saberes.

Para decifrar a trama desses saberes, este estudo se ancora na Fenomenologia, tomando o conceito de comunidade de Edith Stein (1922) como fundamento. Para a filósofa, a comunidade se constitui numa vivência compartilhada onde os sujeitos, unidos por uma intencionalidade coletiva, co-pertencem a um mundo comum. Essa compreensão dialoga diretamente com o pensamento de Nego Bispo (2023) e seu “aquilombar”, a noção de que o quilombo é verbo, uma ação contínua de construir modos próprios de existir. A fábrica de polpas, neste sentido, é a materialização dessa comunidade-intencionalidade-aquilombar em ato. Por fim, inspirada pela sociologia da imagem e do pensamento heterárquico de Silvia Rivera Cusicanqui (2021), a pesquisa busca capturar a dimensão prática desses conhecimentos, recusando a hierarquização dos saberes e propondo um diálogo horizontal que valorize a matemática ali gestada em sua complexidade própria.

XXVIX Encontro Brasileiro de Estudantes de Pós-Graduação em Educação Matemática

Tema: Pesquisa em Educação Matemática: todos os caminhos

Programa de Pós-Graduação em Ensino de Matemática (PPGEnM).

Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Feira de Santana/BA.

15 a 17 de outubro de 2025 - Evento presencial.

Ao introduzir conhecimentos de comunidades tradicionais em aulas de matemática, é comum a representação de técnicas de cálculo, que costumam ser validadas pela matemática institucionalizada apresentada nos ambientes formais de aprendizagem. Estas representações reforçam a ideia de hierarquia do conhecimento, nos modos de saber/fazer e no conhecimento matemático produzido e promovem uma falsa valorização destes saberes.

Esse cenário evidencia a urgência, alertada por Bicudo (2025), de um pensar filosófico na área, capaz de questionar verdades ideológicas e promover uma compreensão plural da matemática. Bicudo (2025) enfatiza a urgência de um pensar filosófico na área, capaz de questionar verdades ideológicas e promover uma compreensão plural da matemática (seja ela quilombola, indígena, africana ou ocidental). Como quilombola, professora de matemática e mestranda em Ensino de Matemática, sinto nessa ocasião a oportunidade de me colocar a pensar junto a este Programa e demais pesquisadores sobre essa questão, como ela mesma adverte (2025, p. 16), “é preciso instaurar o pensar, com e junto, sobre nós mesmos, vivendo na realidade em que somos e existimos bem como a respeito dos modos pelos quais a Matemática se faz presente nessa realidade”. Esse movimento exige romper com a lógica que reduz os saberes quilombolas a “modos alternativos” de conhecer.

Este rompimento do movimento instaurado, solicita o conhecimento da Matemática Ocidental, de seus procedimentos, do seu discurso, da realidade mundana, que os envolvidos a tomem como mais um modo de conhecer o mundo, com determinada característica e importância. Bicudo aponta não como verdades absolutas, mas como modos diversos de conhecer. Ressaltando assim, a necessidade e complexidade se equilibrar decolonização e rigor epistemológico em pesquisas que envolvem culturas marginalizadas, como a quilombola.

Assim, esta pesquisa objetiva investigar o que se mostra importante a respeito da matemática praticada pelas mulheres da comunidade quilombola da Matinha dos Pretos no processo de compra da matéria prima, produção e venda na fábrica de polpas de frutas. Esta investigação não se limita a uma análise técnica, mas demanda uma compreensão fenomenológica da comunidade como espaço de constituição de sentidos. Edith Stein, em *Indivíduo e Comunidade* (1922), define a comunidade como uma vivência compartilhada de intencionalidades, onde os sujeitos se co-pertencem em um mundo comum. Essa concepção dialoga com a organização comunitária da Matinha, onde a produção de polpas de frutas não é apenas uma atividade

econômica, mas uma prática coletiva que sustenta identidades e saberes ancestrais. Assim, a pesquisa busca revelar como a matemática se inscreve nessa trama comunitária, seguindo a premissa steiniana de que “o todo da comunidade é mais que a soma das partes”. (Stein, 1922 *apud* Silva, 2018)

Neste trabalho, abordaremos ainda, a matemática praticada por essas mulheres dentro de uma organização de Educação Quilombola, onde apesar de não ocorrer dentro de uma estrutura escolar e com técnicas formais, há uma transmissão de conhecimento que atende à própria lógica do grupo.

EDUCAÇÃO QUILOMBOLA E EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA

Importante destacar que este trabalho estrutura-se em torno de uma distinção fundamental: a diferença constitutiva entre a Educação Escolar Quilombola (EEQ) e a Educação Quilombola (EQ). É na segunda, na EQ, que os saberes se gestam de forma vinculada ao trabalho, à oralidade, ao cotidiano. Esta investigação se dedica a buscar compreender os saberes matemáticos que emergem das práticas das mulheres da Matinha dos Pretos em sua fábrica de polpas, um lócus privilegiado da EQ.

A EQ abrange processos educativos formais e não formais desenvolvidos dentro das comunidades quilombolas, baseados em seus saberes tradicionais, oralidade, resistência e territorialidade. Não se limita à escola, incluindo transmissão de conhecimentos ancestrais, práticas agrícolas, religiosas e culturais. Neto, Soares e Coqueiro (2022) ao tratarem de EQ, afirmam que:

Assim, a educação no Quilombo é aquela desenvolvida pelos sujeitos nas suas práticas cotidianas, seja, na família, no trabalho, na comunidade, nas lutas sociais, nas manifestações das tradições culturais, na relação de sustentabilidade com a natureza, enfim, no modo de ser e estar no mundo. (Neto, Soares e Coqueiro, 2022, p. 9)

Já a Educação Escolar Quilombola (EEQ) é aquela oferecida nas escolas quilombolas ou em instituições que atendem a essas comunidades. Deve seguir as diretrizes do Estado, mas com um currículo diferenciado que valoriza a identidade quilombola. Assim Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Básica, define:

XXVIX Encontro Brasileiro de Estudantes de Pós-Graduação em Educação Matemática

Tema: Pesquisa em Educação Matemática: todos os caminhos

Programa de Pós-Graduação em Ensino de Matemática (PPGENM).

Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Feira de Santana/BA.

15 a 17 de outubro de 2025 - Evento presencial.

A Educação Escolar Quilombola é desenvolvida em unidades educacionais inscritas em suas terras e cultura, requerendo pedagogia própria em respeito à especificidade étnico cultural de cada comunidade e formação específica de seu quadro docente, observados os princípios constitucionais, a base nacional comum e os princípios que orientam a Educação Básica brasileira. (Brasil, 2013, p. 74).

Em consonância com a definição de EEQ, das diretrizes curriculares para a educação básica, cria-se a resolução nº 8, de 20 de novembro de 2012 que define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola (DCNEEQ) na Educação Básica com o objetivo de garantir uma educação que respeite e valorize a história, a cultura, os conhecimentos tradicionais e as especificidades das comunidades quilombolas, promovendo o desenvolvimento integral dos estudantes e o fortalecimento de sua identidade étnico-racial. O Art. 7º da Resolução nº 8, garante os princípios da EEQ e neles reforçam a importância de uma educação que valorize a história, a cultura e os saberes tradicionais das comunidades quilombolas.

O Art. 8º que diz da garantia dos princípios da EEQ, dentre eles deverão ser garantidos a inserção da realidade quilombola em todo material didático que deve ser produzido em articulação com a comunidade e a garantia do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, Africana e Indígena, nos termos da Lei nº 9394/96, com a redação dada pelas Leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008, e na Resolução CNE/CP nº 1/2004, fundamentada no Parecer CNE/CP nº 3/2004, que incluem a inserção da realidade quilombola.

No quadro abaixo destacamos as principais diferenças entre a EQ e a EEQ:

Quadro 1: Educação Quilombola e Educação Escolar Quilombola

Educação Quilombola	Educação Escolar Quilombola
Transmissão de saberes tradicionais (manifestações culturais, rituais, agricultura, etc.).	Foca no ensino formal (escolas).
Organizada pela própria comunidade.	Segue normativas de ensino.
Atende a necessidade da organização da comunidade.	Segue uma organização curricular.
Envolve a comunidade.	Envolve professores (preferencialmente quilombolas).

Fonte: elaborado pela autora (2025)

Apesar das diferenças aqui destacadas entre EQ e EEQ, para que o processo de escolarização aconteça respeitando as diretrizes da EEQ, se faz necessário um alinhamento com a

EQ, para que os saberes específicos desenvolvidos pela comunidade sejam incorporados no contexto escolar.

Diante do exposto, esclareço que a proposta de pesquisa aqui apresentada visa a investigação do que se mostra importante acerca do conhecimento matemático dentro da EQ, uma vez que esta investigação ocorrerá em associação comunitária e numa fábrica de organização coletiva, portanto fora do ambiente escolar. Reconhecer e documentar tais saberes em seu contexto originário não é apenas um exercício de valorização cultural; é uma condição prévia para qualquer diálogo futuro verdadeiramente significativo com a EEQ. Só conhecendo a matemática que a comunidade já produz e valoriza será possível, posteriormente, pensarmos em como a escola pode, de fato, partir desses referenciais para construir pontes – e não hierárquicas – com o conhecimento matemático convencional.

EVIDÊNCIAS DE UMA LACUNA NA LITERATURA SOBRE MATEMÁTICA QUILOMBOLA

A minha família paterna, nasce e se cria no quilombo da Matinha dos Pretos. Aqui também eu me crio, e dou início a minha jornada acadêmica no ano de 2017, ao ingressar na Universidade Estadual de Feira de Santana por meio da política de cotas e com o anseio de uma devolutiva a minha comunidade e o desejo latente de falar dela e por ela. Devido a imaturidade em pesquisa e dificuldades no processo de graduação, não pude fazer meu trabalho de conclusão de curso na comunidade, mas realizei uma pesquisa acerca das práticas etnomatemáticas em sala de aula, na busca de compreender as possibilidades de um ensino de matemática para além dos padrões eurocêntricos e que valorizasse os aspectos socioculturais.

Vi na etnomatemática, difundida pelo pesquisador Ubiratan D’ Ambrosio na década de 1970, um caminho para pensar a matemática, como uma construção social e cultural que se desenvolve de diversas formas e em diferentes momentos históricos.

Em 2025 retorno a academia, para realização do mestrado com uma certeza, fazer minha pesquisa na Matinha. E ao ser questionada na entrevista: “Do que você não abre mão em seu projeto?”, a resposta foi: “Da Matinha”, pois eu preciso falar de onde eu vim, não por mim, mas por nós. Neste trabalho, não busco “dar voz” à comunidade da Matinha dos Pretos, pois reconheço

XXVIX Encontro Brasileiro de Estudantes de Pós-Graduação em Educação Matemática

Tema: Pesquisa em Educação Matemática: todos os caminhos

Programa de Pós-Graduação em Ensino de Matemática (PPGEEnM).

Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Feira de Santana/BA.

15 a 17 de outubro de 2025 - Evento presencial.

que ela é plenamente capaz e detentora de sua própria narrativa. O objetivo central, é registrar, sistematizar e amplificar os feitos e saberes já produzidos por ela, contribuindo para a sua valorização em espaços mais amplos de discussão e garantindo que esse legado não se perca.

Partindo do princípio de que a produção do conhecimento é também um ato político, este trabalho se justifica pelo movimento ético de reexistência, sintetizado na pergunta “se não eu, quem?”. Inspirado pelas reflexões de Magela (2021) sobre resistência, utilizo a lente da Fenomenologia para analisar as práticas matemáticas da comunidade quilombola da Matinha dos Pretos. Este enfoque permite uma recusa do olhar utilitarista e externalista que frequentemente examina saberes tradicionais apenas por sua aplicabilidade, propondo, em seu lugar, uma adesão crítica que valoriza a experiência matemática como constitutiva do nosso *modo de ser no mundo*.

Ao fazê-lo, não busco apenas documentar um saber, mas resistir à invisibilização epistêmica. Atuo, assim, dentro do próprio campo do conhecimento (a academia) para subvertê-lo, trazendo para o centro uma narrativa quilombola sobre o seu próprio pensamento matemático. Este trabalho é, portanto, um ato de autoria e de resistência, que afirma: nossa matemática existe, é complexa, é válida por si só e merece ser narrada por nós, a partir do nosso lugar de fala.

Dentro do cenário de pesquisas acadêmicas, busquei no Banco Digital de Teses e Dissertações (BDTD) o que vem sendo publicado em relação à temática que busco trazer no meu trabalho. Utilizando os descritores “Matemática” + “Quilombola”, foram gerados 65 resultados, destes foram 51 dissertações e 14 teses.

Tomei por base, todo resultado de pesquisas geradas, sendo elas datadas de 2005 á 2025, com o quantitativo dos resultados de pesquisas de cada ano, dispostas no quadro a seguir:

Quadro 2: Levantamento de pesquisas relacionadas

2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2
0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
0	1	1	1	1	1	1	1	1	1	2	2	2	2	2	2
5	0	2	3	4	5	6	7	8	9	0	1	2	3	4	5
1	1	2	2	0	3	2	1	2	8	4	6	11	9	10	2

Fonte: BDTD, consulta realizada em 26/09/2025. Elaborado pela autora

Pode-se observar o quanto o tema pouco era discutido até o ano de 2019, tendo até o ano de 2018 somente 14 pesquisas listadas. Mesmo com a aprovação da Lei nº 10.639 no ano de 2003, observa-se pouco impacto dela na produção de pesquisas relacionadas à matemática e comunidade quilombolas, o número de pesquisas nesta temática só vem aumentar significativamente no ano de 2019, 16 anos após a lei que obriga o ensino da cultura afrobrasileira em todas as disciplinas da Educação Básica.

Isso reflete, o quanto esta lei tarda a ser cumprida, o quanto a cultura afrobrasileira, segue marginalizada, o quanto que esta lei pensada somente para a Educação Básica, claramente tardaria a ser efetivada, uma vez que ela não faz parte da formação de professores, o pouco números de pesquisas relacionadas, nos dá um panorama, de como o tema ainda é pouco discutido, ao considerar uma lei 22 anos.

Esse “atraso” é intencional, ele é pensado para que mesmo por meio das leis criadas a justiça social tarde a acontecer, por isso, serei eu, agora, a falar sobre a produção de conhecimento matemático no meu quilombo, a Matinha dos Pretos.

LÓCUS DA PESQUISA

A pesquisa tem como foco de análise o saber/fazer matemático de mulheres quilombolas, na produção de polpas de frutas. A fábrica onde será acompanhada esta análise fica localizada na comunidade quilombola Matinha dos Pretos e, é vinculada a Associação comunitária de Matinha (ACOMA).

A fábrica adota um modelo financeiro baseado na economia solidária, um sistema que de acordo com Singer (2002) é uma organização que não possui funcionários, os colaboradores são sócios, que não possuem salários fixos, mas sim uma distribuição de lucro, conforme a receita obtida. Essa configuração financeira se adequa à estrutura tradicional e às necessidades das mulheres da comunidade.

A fabricação de polpas traz fonte de renda para o grupo de mulheres, mas também se coloca como possibilidade de fonte de renda para toda a comunidade de Matinha e comunidades circunvizinhas. Sobre a produção de polpas de fruta na Matinha Ferreira e Velloso (2022) destacam que “Para garantir a produção, as mulheres que trabalham na unidade fornecem frutas

dos seus quintais, compram da própria comunidade e de comunidades vizinhas as frutas para o processamento em polpa” (Ferreira e Velloso, 2022, p. 77), assim, vê-se que a produção de polpas em todas as suas etapas, quais sejam, compra de matéria prima, processamento e vendas, oportunizam uma fonte de renda para toda a comunidade, principalmente mulheres, que tradicionalmente mantém atividades ligadas a agricultura familiar.

Neste contexto, a fábrica se apresenta como um lócus potencialmente privilegiado de manifestação da Educação Quilombola (EQ), onde os saberes matemáticos podem ser gestados e reproduzidos na prática comunitária. É neste espaço, para além da escola, que a intencionalidade coletiva descrita por Edith Stein poderá ser observada, constituindo-o como um fenômeno singular a ser investigado em sua essência, conforme propõe a abordagem fenomenológica.

METODOLOGIA

Abordagem qualitativa

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, que segundo Flick, "se dirige à análise de casos concretos em suas peculiaridades locais e temporais, partindo das expressões e atividades das pessoas em seus contextos locais" (Flick, 2009, p. 37). Esta perspectiva torna-se essencial para compreender como a matemática é praticada e vivenciada pelo grupo de mulheres quilombolas na produção de polpa de frutas, em um contexto que exige a consideração de suas especificidades culturais e sociais.

Por meio da abordagem qualitativa, Godoy (1995) destaca que é possível captar a realidade a partir da perspectiva dos sujeitos, valorizando o contexto natural em que os fenômenos ocorrem e privilegiando a descrição detalhada dos processos sociais.

Fenomenologia como método

Os procedimentos para o desenvolvimento desta pesquisa estão ancorados na Fenomenologia, que de acordo com Bicudo (1994), surge como um método filosófico que busca investigar os fenômenos tal como se manifestam à consciência, livre de pressupostos teóricos ou explicações causais.

Inspirada em Edmund Husserl (1859 - 1938), a abordagem fenomenológica valoriza a descrição direta da experiência vivida, enfatizando a intencionalidade da consciência que é o "estar voltado para" o fenômeno e a suspensão de juízos prévios (*epoché*) para alcançar a essência do que se mostra. Em oposição ao Positivismo, que prioriza a quantificação e a objetividade, a Fenomenologia reconhece a realidade como construída intersubjetivamente, a partir das perspectivas dos sujeitos no mundo-da-vida (*Lebenswelt*). Esse método, aplicado à pesquisa qualitativa, permite explorar os significados atribuídos pelas pessoas a suas experiências, como no caso das mulheres quilombolas da Matinha dos Pretos, onde a matemática praticada não é reduzida a variáveis, mas compreendida em sua complexidade cultural e do fazer cotidiano na fábrica. A fenomenologia, assim, oferece um caminho rigoroso para estudar fenômenos sociais, articulando subjetividade, intersubjetividade e contexto histórico (Bicudo, 1994).

Flick (2009) e Bicudo (1994) coadunam ao articular, respectivamente, a abordagem qualitativa de análise contextual e a perspectiva fenomenológica da intencionalidade da consciência, permitindo explorar os significados atribuídos pelas mulheres quilombolas às suas práticas matemáticas — não como variáveis isoladas, mas como fenômenos culturalmente situados e intersubjetivamente construídos em seu *Lebenswelt*.

Uma pesquisa fenomenológica no contexto Quilombola

A abordagem proposta permite ao pesquisador explorar os significados atribuídos pelas mulheres quilombolas às suas práticas matemáticas, compreendendo-as como fenômenos culturalmente situados. A fenomenologia oferece, assim, um caminho rigoroso para conhecermos o contexto histórico e cultural da Matinha dos Pretos; para estudar como as mulheres experienciam a matemática no processo da produção nas etapas da fábrica (subjetividade); como esses saberes são compartilhados entre elas e na comunidade (intersubjetividade).

A convergência metodológica do proposto por Flick (2009) e Bicudo (1994) sustenta uma investigação que apresenta condições de desvelar saberes matemáticos quilombolas em sua complexidade cultural, evitando reducionismos.

A autora, enquanto mulher quilombola e pesquisadora, reconhece sua posicionalidade e adotará a *epoché* como exercício de suspensão dos pré-juízos, buscando não a neutralidade impossível, mas uma abertura radical às manifestações dos saberes investigados – consciente de

que toda interpretação é mediada por seu lugar social, mas comprometida com a fidelidade aos fenômenos tal como se apresentam no mundo-vida (Lebenswelt) das mulheres da Matinha.

Como instrumentos de pesquisa serão utilizados observação participante: imersão no cotidiano da fábrica de polpas; Entrevistas semiestruturadas: Com mulheres quilombolas, focando suas narrativas sobre práticas matemáticas; Análise documental: Registros da associação comunitária (ACOMA) e materiais produzidos pelas mulheres.

Os dados serão constituídos pela descrição fenomenológica das entrevistas e das anotações realizadas pela pesquisadora durante a observação participante. Este estudo seguirá as diretrizes éticas da pesquisa com comunidades tradicionais, incluindo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

A convergência entre Flick (2009) e Bicudo (1994) sustenta uma análise qualitativo-fenomenológica que, alinhada à etnomatemática de D'Ambrosio (2005), que entende haver múltiplos saberes matemáticos gestados em contextos culturais específicos e orientará a investigação sobre as práticas das mulheres quilombolas da Matinha dos Pretos. Nosso estudo não pressupõe a priori formas ou conteúdos desses saberes, mas busca desvelá-los em sua manifestação concreta, tomando a fábrica de polpas como *lócus* privilegiado para compreender como se articulam, no cotidiano, conhecimentos matemáticos e tradições comunitárias.

CONSIDERAÇÕES

Nesta proposta inicial da pesquisa, a busca por investigar o que se mostra importante a respeito da matemática praticada pelas mulheres da comunidade quilombola da Matinha dos Pretos em todos os processos de produção e comercialização, reconhecendo e documentando os conhecimentos matemáticos desenvolvidos por estas mulheres, e valorizando da EQ viva na comunidade da Matinha dos Pretos.

Os conhecimentos da EQ alinhados com a EEQ podem vir a contribuir para a descolonização do currículo de matemática. Oferecendo uma perspectiva crítica sobre a matemática, questionando a hierarquização dos saberes e propondo diálogos entre conhecimentos tradicionais e formais.

REFERÊNCIAS

- BICUDO, Maria Aparecida Viggiani; ESPÓSITO, Vitória Helena Cunha. **Pesquisa qualitativa em educação: um enfoque fenomenológico**. 2 ed. São Paulo: Unimep, 1994.
- BICUDO, Maria Aparecida Viggiani; GARNICA, Antonio Vicente Marafioti. Entre Educação, Filosofia e Educação Matemática, Filosofia da Educação Matemática. **Trans/Form/Ação: revista de filosofia da Unesp**, Marília, v. 48, n. 1, e025002, 2025.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica**. Resolução CNE/CEB nº 4, de 13 de julho de 2010. Brasília, DF, 2013.
- BRASIL. Resolução CNE/CEB nº 8, de 20 de novembro de 2012. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2012.
- CUSICANQUI, Silvia Rivera. **Ch'ixinakax utxiwa: uma reflexão sobre práticas e discursos descolonizadores**. Tradução de Ana Luiza Braga e Lior Zisman Zalis. São Paulo: N-1 Edições, 2021
- D'AMBROSIO, Ubiratan. Sociedade, Cultura, Matemática e seu ensino. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 31, n. 1, p. 99-120, jan/abr 2005.
- FERREIRA, Gilmara Borges. VELLOSO, Tatiana Ribeiro (Org.). Grupo de mulheres quilombolas da Matinha dos Pretos. In: **Mulheres rurais na Bahia: Lutas e conquistas**. Cruz das Almas: Editora UFRB, 2022, p. 77-96.
- FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- GODOY, Arilda Schmidt. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.
- NETO, Clemilda Santiago; SOARES, Edmara; COQUEIRO, Edna. **Do quilombo à escola: ancestralidade e práticas pedagógicas**. 2022.
- SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/Piseagrama, 2023.
- SILVA, Anderson Afonso da. **A concepção de comunidade em Edith Stein**. In: Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos, V. 2018. Foz do Iguaçu. [Anais...] Disponível em: <https://sepeq.org.br/eventos/vsipeq/documentos/01461984173/12>. Acesso em 23 maio 2025.
- SINGER, Paul. **Introdução à Economia Solidária**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

XXVIX Encontro Brasileiro de Estudantes de Pós-Graduação em Educação Matemática

Tema: Pesquisa em Educação Matemática: todos os caminhos

Programa de Pós-Graduação em Ensino de Matemática (PPGenM).

Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Feira de Santana/BA.

15 a 17 de outubro de 2025 - Evento presencial.